

Diversão & Arte



Visão panorâmica da Feira Motim na Biroscas do Conic

Na Galeria dos Estados, Motim reuniu cerca de 20 mil pessoas

O evento reúne múltiplas formas de expressão das artes impressas

A última edição mobilizou mais de 200 expositores

O Motim une grafite, história em quadrinhos, folhetins e colagens

A feira de artes gráficas agrega frequentadores de várias gerações

A mixagem de linguagens está presente no evento

FESTA das ARTES

A MOTIM - FEIRA COLABORATIVA DE ARTE IMPRESSA COMEMORA 10 ANOS DE ATIVIDADE NO MUSEU NACIONAL

» TAINÁ HURTADO*

Neste final de semana, o Museu Nacional da República será tomado por uma imensidão de trabalhos únicos e autênticos de mais de 200 artistas locais e nacionais. Para celebrar 10 anos de atividade, a 15ª edição da Motim — Feira Colaborativa de Arte Impressa, promove uma festa das artes gráficas sábado e domingo, de 11h às 19h, com entrada gratuita.

Iniciada em 24 de outubro de 2014, com apenas 30 expositores, a feira completa uma década de construção e consolidação com uma das principais feiras colaborativas de arte impressa do Brasil, reunindo cerca de 300 artistas por edição. Segundo Leandro Mello, um dos idealizadores do projeto, a feira surgiu com o intuito de criar um espaço para comercializar as próprias produções. Dez anos

depois, a Motim se tornou uma importante ação cultural da cidade.

Com preços acessíveis, o projeto visa fomentar a criação e o consumo artístico local. Para Leandro, a feira atua hoje como um polo essencial de troca entre artistas e admiradores da arte gráfica. “De um lado, a gente cria um ambiente para as pessoas que estão criando e vivendo as suas criações, e do outro lado, a gente tá incentivando o consumo da arte. E não só aquele consumo alto. A feira permite que uma pessoa vá lá com 50 ou 100 reais e consiga consumir arte”, afirma.

Durante os 10 anos de feira, artistas de diversos estados vieram à capital compartilhar visões de mundo através da arte, com grande incidência de expositores de São Paulo, Goiânia, Minas Gerais e cidades do sul do Brasil. Além de artistas variados, a Motim possibilitou que diversas pessoas atravessassem as centenas de

mesas expostas, com a oportunidade de, em cada edição, encontrar algo novo e único, proporcionando uma verdadeira experiência artística.

“Somos um grande acúmulo de idas e vindas. São 10 anos rotacionando expositores dentro de um ambiente para proporcionar contato com o público.” É um grande movimento de pessoas”, define Leandro. De acordo com ele, a procura tanto do público como de artistas locais de espaços para trocas artísticas vem aumentando cada vez mais.

Além da necessidade de sustento, Leandro pontua um aumento da vontade e desejo de jovens artistas de viver de produção de arte. “A gente quer vivenciar coisas bonitas. A gente quer ouvir música e ver arte”, enfatiza. Nesta edição, além da infinidade de obras únicas, incluindo zines, gravuras, ilustrações, serigrafias e pôsteres, o

Museu Nacional será tomado pelo som de cerca de dez colecionadores de vinil, que irão se revezar no comando da música do evento.

Ao fim da 15ª edição, no domingo, as inscrições da próxima edição já estarão abertas para artistas que tenham interesse em participar e agregar ao projeto. Posteriormente, uma seleção é feita baseada em uma curadoria que prioriza qualidade, a capacidade do artista em transformar o trabalho em produto e a identificação e alavancamento de jovens potenciais.

Além disso, pessoas que auxiliaram a construir o mercado e a cena da arte gráfica também recebem a devida atenção e reconhecimento. “Existem artistas que estão desde o início e transitam pelas principais feiras do país. Essas pessoas tem preferência pelo histórico que elas construíram ao longo dos anos”, afirma Leandro

Para ele, a consolidação do projeto se dá pela essência de diversidade da feira e a busca constante pela inovação. Artistas diversos e um público variado caracterizam e dominam a Motim. “Somos uma feira muito contestadora, a gente traz vozes dissidentes, com discursos revolucionários, sempre trazendo minorias”, declara. “A gente abriga muita gente dentro da feira. Acho que não cabemos dentro de uma caixinha, estamos sempre tentando sair dessas.”

*Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco

gráficas